



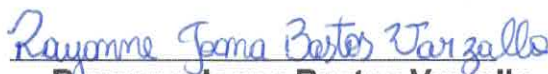
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LETRAS
MATUTINO – 8º PERÍODO – TURMA: LN21_ALMIRO

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

Aos vinte e seis (26) dias do mês de junho (06) do ano de dois mil e vinte e cinco (2025), precisamente às nove horas, na sala 7 do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – UEA, localizado à Avenida da Amizade, 74 - Centro, no município de Tabatinga/AM, em consonância com o que diz o Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras – Regulamento do TCC, reuniram-se os acadêmicos do Curso de Letras – 8º período – matutino, turma LN21_ALMIRO, para a **DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO** da acadêmica **Rayanne Joana Bastos Varzallo**, com o tema: **Análise discursiva do termo “índio” no relato de viagem de frei Gaspar de Carvajal**, na versão de **ARTIGO CIENTÍFICO**, avaliado pelo professor da disciplina, Prof. Me. **Almiro Lima da Silva**, juntamente com os membros da Banca Examinadora, conforme composição transcrita abaixo, bem como a nota final do trabalho.

Tabatinga, 26 de junho de 2025.

| ACADÊMICA | NOTA DOS AVALIADORES | | | NOTA FINAL |
|--------------------------------------|----------------------|----------|----------|------------|
| | Aval. 01 | Aval. 02 | Aval. 03 | ++÷3= |
| Rayanne Joana Bastos Varzallo | 10,0 | 10,0 | 10,0 | 10,0 |


Rayanne Joana Bastos Varzallo
Acadêmica


Prof. Me. Almiro Lima da Silva
Avaliadora 01


Prof. Valter Luciano Gonçalves Villar
Avaliador 02


Prof. João Bosco Martins D'Avila
Avaliador 03

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LETRAS / PORTUGUÊS

RAYANNE JOANA BASTOS VARZALLO

**ANÁLISE DISCURSIVA DO TERMO “ÍNDIO” NO RELATO DE
VIAGEM DE FREI GASPAR DE CARVAJAL**

TABATINGA – AM
2025

RAYANNE JOANA BASTOS VARZALLO

**ANÁLISE DISCURSIVA DO TERMO “ÍNDIO” NO RELATO DE
VIAGEM DE FREI GASPAR DE CARVAJAL**

Trabalho de Conclusão de Curso-
TCC apresentado para obtenção de
nota parcial da disciplina Pesquisa e
Produção Acadêmica em Letras III
pela Universidade do Estado do
Amazonas- UEA.

Orientador: Prof. Me. Almiro Lima da
Silva

TABATINGA AM

2025

Resumo

O presente artigo trata dos sentidos do termo "índio" no relato de viagem de Frei Gaspar de Carvajal (2021), intitulado *Relação do Famosíssimo e Muito Poderoso Rio Chamado Marañon*. Assim, tem-se como objetivo geral analisar os sentidos do termo "índio" no referido relato e, como objetivo específico, identificar os sentidos do termo "índio" presentes no texto. Para tanto, utiliza-se a teoria da Análise do Discurso Francesa (AD), que faz relação entre linguagem, história e ideologia. Quanto à metodologia, fez-se uma pesquisa bibliográfica e adotou-se uma abordagem qualitativa e procedimentos de análise próprios da AD, tais como: leitura, descrição e interpretação do relato, fazendo recortes de trechos do texto em que se faz referência aos povos originários através do termo "índio". O relato de Carvajal apresenta múltiplos sentidos atribuídos ao termo "índio", que refletem uma construção ideológica complexa. Foram identificados uma variedades de sentidos atribuídos ao termo "índio", todos construídos a partir de formações ideológicas cristãs e coloniais. Os indígenas são representados, em diferentes momentos do relato, como pagãos necessitados de conversão, seres mansos, domésticos e ingênuos, pessoas submissas, controláveis e inferiores, e ao mesmo tempo, como bárbaros perigosos e ameaçadores.

Palavras-chave: Discurso; sentidos; povos indígenas; Carvajal.

INTRODUÇÃO

Neste artigo faz-se uma análise discursiva do termo "índio" presente no relato de viagem de Frei Gaspar de Carvajal, intitulado *Relação do Famosíssimo e Muito Poderoso Rio Chamado Marañon*. A obra, escrita durante a expedição liderada por Francisco de Orellana em busca da Província da Canela, revela não apenas os aspectos geográficos e históricos do percurso pelo rio Amazonas, mas também a forma como os povos originários foram representados por um sujeito europeu em um contexto colonial.

O relato de Carvajal descreve os encontros de sua expedição com diversos povos indígenas ao longo da viagem, destacando momentos de contato pacífico, mas também episódios de conflito, como no caso do povoado de Machiparo. Diante disso,

a problematização que orienta este estudo é: quais os sentidos construídos para o termo “índio” no relato de viagem de Frei Gaspar de Carvajal? Sabe-se que, historicamente, esse termo tem sido utilizado de forma generalizante e, por vezes, pejorativa, desconsiderando a diversidade dos povos indígenas e reforçando estereótipos coloniais.

Dessa maneira, a Análise do Discurso (AD) aqui é utilizada como referencial teórico e metodológico, com o objetivo geral de analisar os sentidos do termo “índio” no referido relato e com objetivo específico de identificar os sentidos do termo “índio” presentes no texto.

A partir da perspectiva da AD de linha francesa, compreende-se que o sentido das palavras não é fixo, mas atravessado por formações ideológicas e históricas que constituem os dizeres (ORLANDI, 2013). Assim, o termo “índio”, longe de ser uma simples designação descritiva, carrega marcas de poder, exclusão e silenciamento. O texto de Carvajal é analisado a partir das suas condições de produção, rompendo com a noção de um sentido original ou intencional único.

A relevância desta pesquisa está em compreender criticamente os efeitos de sentido produzidos em textos coloniais e contribuir para a reflexão sobre como tais representações ainda impactam a visão contemporânea sobre os povos originários. Além disso, o estudo possui importância pessoal e acadêmica, pois amplia o conhecimento da pesquisadora na área da Análise do Discurso e possibilita uma abordagem crítica sobre a linguagem como prática ideológica e histórica.

O artigo tem como principais teóricos Pêcheux (1995), Orlandi (2013), Althusser (1974) e outros, que tratam de conceitos tais como língua, ideologia, sujeito, formação discursiva, interdiscurso e discurso, buscando compreender como os sentidos são construídos na relação entre língua, história e ideologia.

Portanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que adotou uma abordagem qualitativa, seguindo procedimentos de análise da Análise do Discurso (AD). Inicialmente, foram feitas leituras do relato, seguidas da identificação e recorte dos trechos em que fazem referência aos povos originários, Em seguida procedeu-se à descrição e interpretação desses recortes, fundamentando-se nos conceitos da Análise do Discurso.

Os resultados demonstram que o relato de Carvajal é constituído por formações ideológicas que refletem a lógica colonial da época. A linguagem utilizada no relato não apenas descreve, mas também constrói uma determinada visão dos povos

indígenas, reforçando estereótipos e legitimando a intervenção europeia. E dessa forma, o termo “índio” aparece no texto analisado associado a outros, tais como “bárbaro”, “gente doméstica”, “bobos”, o que revela sentidos negativos e preconceituosos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

A Análise do Discurso surgiu na França, no final dos anos 1960, com os estudos de Michel Pêcheux (1938-1983), que é precursor e considerado uma das figuras mais importantes da AD francesa. A AD foi constituída a partir da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise e teve motivações políticas e linguísticas. A Linguística fornece conceitos fundamentais para a análise da linguagem, permitindo compreender como os discursos são estruturados e como produzem sentidos em determinados contextos. (MUSSALIM, 2012).

A perspectiva do Materialismo Histórico, influenciada por Althusser, enfatiza a importância das condições materiais e históricas na constituição dos discursos. Essa abordagem ajuda na compreensão de como as relações de poder e as lutas sociais influenciam a produção de sentidos e moldam as formas de expressão, principalmente a partir do conceito de ideologia apresentado por Althusser (1974).

A partir da Psicanálise, Pêcheux (1995) adota a concepção de sujeito dividido, inconsciente e atravessado por formações ideológicas, o que é fundamental para compreender como a linguagem se constitui como espaço de luta por sentidos.

Nesse contexto, ao tratar da teoria do discurso, Pêcheux e Fuchs (2014, p. 160) a definem como a “teoria da determinação histórica dos processos semânticos”, ou seja, uma teoria que entende a produção de sentido como atravessada pela história e pela ideologia. Isso significa que o que dizemos, e o modo como dizemos, não é neutro ou apenas regido por regras gramaticais, mas determinado pelas posições ideológicas que ocupamos enquanto sujeitos sociais e históricos. Pêcheux (2011, p. 72-73) conceitua as formações ideológicas como forças em confronto na conjuntura social, compostas por atitudes e representações vinculadas às posições de classe.

Dessa forma, os sentidos que circulam nos discursos são efeitos dessas formações ideológicas e encontram expressão na linguagem por meio das chamadas formações discursivas. Com isso, o autor estabelece um elo entre língua, ideologia, sujeito e discurso.

Segundo Pêcheux (1995), a língua, embora possua um funcionamento próprio, relativamente autônomo, serve de base para os processos discursivos — que são, por sua vez, mediados pelas representações ideológicas nas relações sociais. Assim, os sentidos não se originam apenas da estrutura linguística interna da língua, mas da posição social e histórica dos sujeitos, influenciados por suas formações ideológicas e pelo inconsciente.

Portanto, a proposta de Pêcheux integra diferentes áreas do saber, a linguística, a psicanálise e o materialismo histórico para construir uma teoria do discurso que dê conta da complexidade dos sentidos na linguagem, compreendendo-os como atravessados por ideologia, história e subjetividade.

De acordo com Althusser (1974, p. 77), “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência”. Essa definição aponta para o caráter constitutivo da ideologia na constituição dos sujeitos, na medida em que ela, mediando a relação do indivíduo com o mundo, constrói a realidade para os sujeitos e influencia como estes se situam no mundo.

Althusser (1974) faz a distinção entre “ideologia em geral”, que é essa relação imaginária apresentada acima, condição vivida por todos os sujeitos, independentemente de sua classe social, e “ideologias”, que são as formas particulares de realização dessa relação imaginária pelas diferentes classes sociais.

Assim, para esse autor, as “ideologias” referem-se a visões de mundo específicas como, por exemplo, o conservadorismo, o socialismo, o liberalismo etc. As ideologias possuem histórias particulares e específicas que refletem os contextos e as lutas sociais nas quais se desenvolvem.

Associado ao conceito de ideologia, dentro do campo da AD, está o conceito de sujeito, que é de suma importância, pois diz respeito à maneira como os indivíduos se posicionam no mundo e na linguagem, a partir de suas inserções nas estruturas ideológicas e sociais. O sujeito, nessa perspectiva, não é concebido como autônomo e plenamente consciente de suas ações, mas de alguma forma determinado pela ideologia, pela história e pelo inconsciente. (ORLANDI, 2013).

Althusser (1974, p. 94) contribui para essa compreensão ao afirmar que

a categoria de sujeito é constitutiva de toda a ideologia, mas ao mesmo tempo e imediatamente acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) ‘constituir’ os indivíduos concretos em sujeitos.

Ou seja, os sujeitos não preexistem à ideologia, mas são por ela constituídos, através daquilo que o autor chamou de interpelação ideológica, isto é, por meio de sua identificação com a ideologia. É nesse processo de interpelação ideológica que o indivíduo se reconhece como sujeito, assumindo determinadas posições nos discursos e reproduzindo os sentidos que neles circulam. Assim, a noção de sujeito na AD é indissociável da ideologia, já que é nela que se estrutura a relação entre linguagem, sentido e posição social.

Esse entendimento está em consonância com o que diz Henry sobre a posição de sujeito no discurso. Ele afirma:

Descrever uma formulação como um enunciado não consiste, escreve Foucault, em analisar a relação entre o autor e aquilo que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem o querer), mas sim em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito. (HENRY, 1997, p. 33)

Essa citação reforça a ideia de que os sujeitos são constituídos ideologicamente por meio das posições que ocupam nos discursos. No caso do relato de Carvajal, isso se evidencia na forma como o autor, ao narrar suas experiências, também revela a ideologia presente em sua posição como europeu em terras do Novo Mundo.

Outro conceito importante em AD, é o de formação discursiva. Segundo Pêcheux (1971) 2011, p.73), as formações discursivas são aquilo que:

determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um pronunciamento, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma dada posição numa dada conjuntura: o ponto aqui é que não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também e sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam na medida em que essas construções determinam a significação que as palavras terão.

Como podemos compreender dessa citação, a formação discursiva é aquilo que rege o que o sujeito diz, por isso os sentidos de suas palavras são determinados por elas.

Conforme Orlandi (2013, p. 43), o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Para essa autora, o sentido não é dado apenas pelas palavras em si, mas pelo lugar de onde se fala, ou seja, pela formação discursiva em que o sujeito está inserido.

Esse funcionamento discursivo não se dá de forma isolada, mas dentro de uma rede ideológica que regula as possibilidades de dizer. No mesmo livro, Orlandi ressalta que a formação discursiva “é ideológica porque determina as posições de sujeito e os sentidos possíveis. É o lugar da regularidade do dizer, da repetição que naturaliza o sentido” (ORLANDI, 2009, p. 42).

Ligado ao conceito de formação discursiva, é o de interdiscurso, um conceito central para compreender como os sentidos se organizam histórica e ideologicamente. Segundo Eni Orlandi (2013, p. 31):

interdiscurso este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.

Assim, compreendemos que o interdiscurso é basicamente, tudo aquilo que já foi dito antes, em outros contextos, e que acaba influenciando o que as pessoas falam atualmente. Trata-se de uma espécie de memória discursiva, o pré-construído é tudo aquilo que já foi dito antes, servindo de base para o que pode ser dito agora e sustentando cada nova tomada de palavra.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO RELATO

O relato de Frei Gaspar de Carvajal foi produzido no contexto das expedições que pretendiam explorar a Província da Canela, especificamente durante a expedição de Gonzalo Pizarro e Francisco de Orellana, que ocorreu entre 1541 e 1542. Nessa época, os espanhóis buscavam expandir suas buscas na América do Sul. O rompimento entre eles ocorreu quando Orellana, partiu em busca de alimentos para o exército de Pizarro, porém não conseguiu retornar devido à longa distância percorrida e à forte correnteza do rio. Isso resultou em uma divisão da expedição, fazendo com que Orellana se tornasse o primeiro europeu a navegar pelo rio Amazonas, enquanto Pizarro ficou em terra firme enfrentando dificuldades. (CARVAJAL, 2021)

O relato de Carvajal, que foi escrito entre 1541 e 1542, tem um caráter descritivo e narrativo, abordando suas experiências e observações durante a expedição. Frei Gaspar era um padre, missionário franciscano que acompanhou a

expedição e, portanto, seu relato também reflete a perspectiva dos religiosos cristão católicos que buscavam entender e converter os povos indígenas. O relato foi escrito para um público que incluía a comunidade religiosa e os patrocinadores da expedição, assim como para a Coroa espanhola, com o intuito de informar sobre os acontecimentos e justificar a presença espanhola na região. (CARVAJAL, 2021)

No relato de Gaspar de Carvajal descrevem-se os fatos importantes da expedição conquistadora de Francisco de Orellana e o contato com os povos indígenas que habitavam em cada lugar por qual passavam, bem como alguns traços de suas culturas; caracterização dos povos e lugares, dando destaque à natureza. A narrativa conta sobre a viagem feita por Francisco de Orellana na qual apresentou a Amazônia¹ para o mundo. A expedição percorreu o “grande rio” (atualmente chamado Amazonas) desde o Peru até o oceano Atlântico. No início da narrativa, o cronista da expedição, Frei Gaspar de Carvajal, apresenta o contexto histórico do Peru e menciona o mito que impulsionou a viagem conquistadora, a existência do País da Canela.

Carvajal é considerado o primeiro cronista a registrar os acontecimentos referentes à viagem capitaneada por Francisco de Orellana, em toda a extensão do rio Amazonas.

OS SENTIDOS DO TERMO “ÍNDIO” NO RELATO DE VIAGEM DE CARVAJAL

O relato de viagem de frei Gaspar de Carvajal é um documento emblemático da literatura colonial do século XVI e reflete os efeitos da ideologia que permeava o imaginário europeu sobre a América e seus povos naquela época. A partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente com base no pensamento de Michel Pêcheux, é possível explicitar os sentidos do termo “índio” presentes no texto.

Neste início da análise, é importante destacar que o termo “índio”, antes de Carvajal, já havia sido aplicado aos povos indígenas das Américas por Cristóvão Colombo e outros europeus. É Colombo quem primeiro chama de “índios” os habitantes da América, pois, ao aportar nesse lugar, pensava ter chegado nas Índias,

¹ Na época do relato essa região não tinha esse nome, esse nome surgiu depois que o relato de Carvajal se difundiu pelo mundo, com destaque para o fato de que ele diz terem encontrado nessa região as Amazonas, aquelas criaturas do mito grego das Amazonas.

conforme diz Neves (s/d), p. 4): “É Colombo quem vai nomear os habitantes da nova terra: os índios, ainda que os classificasse como selvagens e tolos. Afinal, como poderia ter chegado às Índias, sem encontrar os índios?”

Assim, a partir desse momento, o termo “índio” vai sendo aplicado aos povos originários das Américas de forma generalizante, sem respeitar a diversidade desses povos e suas diferentes culturas. E os sentidos que este nome passa a ter daí para frente são muitos e alguns deles vamos ver nesta análise.

Para tanto, veja-se os recortes abaixo.

Recorte 01:

(..) e era muito desejada, porque se pensava que havia de resultar achando tais arvoredos de especiarias, grande serviço a Deus na conversão dos índios que a possuem (...) (CARVAJAL, [1542] 2021, p. 215)

Recorte 02:

O capitão Francisco de Orellana, vendo o bom comedimento dos índios, fez-lhes um discurso, dando-lhes a entender que éramos cristãos e acreditávamos em um só e verdadeiro Deus, que criou o céu e a terra (...) (CARVAJAL, [1542] 2021, p. 241)

Recorte 03:

(...) Este repetiu o mesmo que se havia dado a entender, e lhe disse, além disso, que éramos filhos do sol (...). Esta notícia lhes agradou muito ouvi-la, e os índios espantaram-se muito, mostrando grande alegria, tendo-nos como santos ou pessoas celestiais (...) (CARVAJAL, [1542] 2021, p.242)

Michel Pêcheux (1997, p. 167) afirma que a formação ideológica religiosa constitui, no modo de produção feudal, a forma da ideologia dominante; ela realiza “a interpelação dos indivíduos em sujeitos” através do Aparelho Ideológico do Estado religioso “especializado” nas relações de Deus com os homens, sujeitos a Deus. Sendo assim, os três recortes podem ser entendidos da seguinte forma: como podemos observar no recorte 1, trata-se da conversão dos povos indígenas, promovendo a identidade cristã, sendo essa uma expressão da ideologia dominante descrita por Pêcheux.

No recorte 2, Orellana usa como estratégia de interação e controle social que se alinha com a análise de Pêcheux sobre a formação ideológica religiosa. Neste trecho percebe-se que Orellana utiliza a narrativa da crença em um “só e verdadeiro Deus”, isso é usado como uma maneira de estabelecer uma conexão com os

indígenas, dando entendimento de que a sua presença e ações são justificados por uma missão divina. Neste caso, percebemos como Orellana é interpelado pela ideologia religiosa cristã, e como dessa posição ideológica o sentido de “índio” está associado a quem precisa encontrar o Deus verdadeiro dos espanhóis.

O recorte 3, neste recorte encaixa perfeitamente o argumento de Pêcheux em que a ideologia dominante, principalmente no contexto feudal, utiliza o Aparelho do Estado religioso para influenciar a percepção dos indivíduos, tornando-os então sujeitos que aceitem e reconheçam uma estrutura de poder. Isso mostra como a religião e a ideologia são utilizadas para estabelecer relações de poder, podendo notar que só foram aceitos pelos indígenas pela sua crença.

Dessa forma, interpreta-se que nesses recortes o sentido para o termo “índio” é: são vistos como pagãos, sem religião, necessitados de conversão ao cristianismo.

Segue outros recortes para a análise.

Recorte 04:

(...) Esta gente era tão doméstica que, ainda que escondesse seus bens, mulheres e filhos fora dos povoados, vinha resgatar com nós outros, e nos trazia comida (...) (CARVAJAL, [1542] 2021, p. 237)

Recorte 05:

(...) Neste assento, tomaram-se algumas índias a fim de que fizessem pão para os companheiros e alguns rapazes para servires de línguas. E por ser tão doméstica a gente deste povoado, chamou-se povoado dos bobos. (CARVAJAL, [1542] 2021, p. 262)

Recorte 06

Nos sobreditos povoados, os índios varões nos esperavam como gente mais domésticas que os de rio acima, sem arcos nem flechas, nem outros gêneros de armas (...) (CARVAJAL, [1542] 2021, p. 309)

Orlandi (2013) afirma: Submetendo o sujeito, mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade. Ou seja, considerando que a linguagem não é transparente, sabemos que é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito. Portanto, o recorte 4 em relação ao que Orlandi afirma, mostra que o discurso não é neutro, pois ele submete o sujeito à ideologia. O recorte passa uma impressão de convivência pacífica e harmoniosa entre os indígenas e os espanhóis, produzindo um efeito de que esses habitantes eram submissos, mansos.

No recorte 05, a construção discursiva pode ser analisada de forma que o discurso opera como um processo de assujeitamento no qual o sujeito é apresentado como livre e responsável, ao mesmo tempo em que está submetido a determinações ideológicas. O uso recorrente da expressão “gente doméstica” e a nomeação “povoado dos bobos” nos permite interpretar que o sentido aí produzido inferioriza os povos indígenas, controláveis.

No recorte 6, o fato de Carvajal classificar os indígenas como “domésticos”, dando a entender que eram mansos e não bárbaros ou selvagens como os demais, tal como ele os consideravam, nos permite interpretar que o sentido do termo “índio” aí é de inferioridade.

Assim, analisando esses recortes, podemos interpretar que o sentido do termo “índio” é: são mansos, domésticos, mas não bons, são ingênuos e bobos.

Segue mais três recortes para análise.

Recorte 07:

(...) e desejo de nosso capitão era procurar, se fosse possível, que ficasse um bom respeito e estima de haver-nos conhecido e não descontentamento algum naquela gente bárbara(...) (CARVAJAL, [1542] 2021, p. 248)

Recorte 08:

(...)para descobrir aquelas províncias tão desconhecidas pelos cristãos, para que em seu tempo, quando a vontade divina lhe permitisse, o Imperador, nosso senhor, poderia enviar a quem fosse servido, a conquista e pacificar aquelas gentes bárbaras (...) (CARVAJAL, [1542] 2021, p.255)

Recorte 09:

Estavam postos sobre a barranca do rio mais de cinco mil homens de guerra daquele barbaríssimo exército, mais ou menos, repartidos em diversos trechos nos seus esquadrões. (CARVAJAL, [1542] 2021, p. 302)

Segundo Pêcheux ([1971] 2011), cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas que se referem mais ou menos diretamente a “posições de classe” em conflito umas com as outras. Os discursos não nascem do nada, mas estão ligados a formação ideológica que representam posições sociais. Sendo assim, no recorte 07, a partir da formação discursiva cristã católica, correspondente à uma formação ideológica cristã imperial, Carvajal se refere aos indígenas como “gente bárbara”, e isso expressa mais do que uma opinião pessoal,

viam os povos nativos como inferiores, incivilizados, perigosos, ameaçadores e, portanto, justificadamente domináveis.

A respeito do termo “bárbaro”, Ugarte (2021, p. 248), em nota de rodapé no relato de Carvajal, explica que o “termo/conceito bárbaro fora formulado pelos gregos entre os séculos VIII e VI a. C., que o empregavam com o sentido étnico e linguístico de estrangeiro; porém, já em princípios do século IV a. C., bárbaro passou a designar os homens considerados inferiores, em seus usos e costumes ou mentalmente”.

Dessa forma, ao adjetivar os indígenas com o adjetivo bárbaro, Carvajal não só dar sentido negativo ao termo índio, mas revela ele e seu grupo social se define em relação ao outro.

No recorte 08, o uso da expressão “gentes bárbaras” ajuda a criar uma imagem de inferioridade para “os índios”, legitimando, assim, a missão civilizatória e religiosa do Império Espanhol. Essa classificação dos indígenas como “bárbaros” não é apenas uma escolha linguística casual, mas, como explica Pêcheux (1971) 2011, decorre de uma formação discursiva que constitui o sujeito e expressa uma posição social, histórica e ideológica.

No recorte 09, Carvajal descreve os indígenas como pertencentes a um “barbaríssimo exército”, reforçando uma imagem negativa e preconceituosa do “índio”, de novo a partir uma formação discursiva europeia, colonial, que ver os povos originários desse modo. Como destaca Pêcheux (1971) 2011, refletindo as posições de classe e de poder que estão em conflito. Portanto, ao chamar os indígenas de “bárbaros”, intensificando esse julgamento com a palavra “barbaríssimo”, Carvajal reforça uma construção discursiva que busca deslegitimar a resistência indígena, colocando-os como selvagens, perigosos e violentos.

Diante disso, foi interpretado que o sentido do termo “índio” presente nesses recortes é uma construção social e ideológica complexa, que está profundamente enraizada nas relações de poder e nas narrativas coloniais. O uso do termo “índio” é de certa forma frequentemente associado a “bárbaro”, carregando consigo uma série de conotações que reflete a visão eurocêntrica. Dessa forma, o termo “índio” nesses recortes é usado de maneira que enfatiza sua suposta inferioridade e primitivismo.

Michel Pêcheux (1997) afirma que o sujeito é sempre atravessado pela ideologia e que o discurso é um efeito de sentido entre interlocutores situados socialmente. Frei Gaspar, como sujeito discursivo, está imerso na formação ideológica

cristã e colonial. Essa posição determina os sentidos construídos sobre os povos indígenas.

A análise não esgotou todos os sentidos do termo “índio” no relato e nem tinha essa pretensão, pois não haveria espaço neste artigo para isso.

O relato de frei Gaspar de Carvajal é um exemplo de como a ideologia colonial moldou os sentidos atribuídos às experiências da conquista. A Análise do Discurso permite revelar os mecanismos simbólicos que sustentam essa narrativa, na qual os indígenas são ora inimigos, ora serviçais, mas raramente sujeitos plenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo realizar uma análise discursiva do termo “índio” no Relato de Viagem de Frei Gaspar de Carvajal, a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Ao longo da pesquisa, buscou-se identificar os sentidos do termo “índio” construídos no texto, destacando como essa designação carrega uma carga ideológica e histórica marcada pelo colonialismo.

A problematização girou em torno da seguinte pergunta: quais são os sentidos do termo “índio” presente no relato de Frei Gaspar de Carvajal? A análise evidenciou que o termo é frequentemente utilizado de forma generalizante e pejorativa, apagando a diversidade étnica dos povos originários e legitimando o discurso de conquista ou de “descobrimento”. O indígena, no texto, é apresentado ora como selvagem e inimigo, ora como sujeito submisso, ingênuo e exótico, sempre sob o olhar eurocêntrico do colonizador.

Os resultados demonstram que os sentidos do termo índio no relato de Carvajal se originam de formações discursivas e ideológicas que refletem a lógica colonial da época. A linguagem utilizada no relato não apenas descreve, mas também constrói uma determinada visão dos povos indígenas, reforçando estereótipos e legitimando a intervenção europeia.

Este estudo também reforça a importância de se discutir criticamente os documentos históricos, compreendendo-os como produções discursivas e ideológicas, e não como registros neutros da realidade. Como sugestão para futuras pesquisas, propõe-se a análise comparativa entre o relato de Carvajal e outros documentos coloniais, bem como a investigação de produções discursivas indígenas

contemporâneas, que buscam ressignificar a identidade e a memória histórica de seus povos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1974.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. -3º ed. Rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CARVAJAL, Frei Gaspar de. *Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Maranhão*. Tradução: Auxiliomar da Silva Ugarte. Manaus: Editora Valer, 2021.

GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

HENRY, Paul. Os Fundamentos Teóricos da 'Análise Automática do Discurso' de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso, cultura e acontecimento*. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: ORLANDI, Eni (Org.). Michel Pêcheux: uma vida, muitas lutas. Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. Uma introdução à análise automática do discurso. Trad. Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2014.

UGARTE, Auxiliomar Silva. A repercussão da viagem comandada por Francisco de Orellana pelo rio Marañón nas Índias Ocidentais e na Europa (1542-1589). In: CARVAJAL, Frei Gaspar de. *Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañón*. Tradução: Auxiliomar da Silva Ugarte. Manaus: Editora Valer, 2021.